

EMERGÊNCIA DE NOVOS SUJEITOS POLÍTICOS NA ARTE CONTEMPORÂNEA: O COLETIVO NEGA¹ EM FLORIANÓPOLIS (SC, BRASIL)

*Paulo Raposo*²

Instituto Universitário de Lisboa, Centro em
Rede de Investigação em Antropologia

Abstract

Coletivo Nega is a theatre group composed of young black women of Florianopolis (Santa Catarina) which is the capital of the State with fewer black population of Brazil. In this article I intend to examine a relatively recent phenomenon that results from a close and intense relationship between processes of identification, political and racial empowerment and political resistance with forms of protest imminently based on artistic performances. This relationship between art and politics is also visible in the way much of the contemporary artistic proposals incorporate increasingly narratives and practices that use models of autonomy, horizontality, complicity and sharing, replicating models of specific policy management from libertarian and assemblers' movements. I seek to explore which are the emerging dimensions of embodiment and performativity entered in these bodies of people who seek racial and social visibility, strategical engagement to produce new political statements within the socio-political reality of contemporary Brazil.

ABRINDO CAMINHOS...

Desde há algum tempo venho tomando consciência da naturalização da minha condição não racializada de homem branco, hétero, cis e de uma respeitabilidade social que as cãs brancas do meu cabelo e a paternidade me garantem. Essa percepção é tanto mais evidente quanto, no contexto de professor visitante numa universidade pública no Brasil,

¹ Segundo a Professora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina e fundadora do grupo, Fátima Costa Lima, o Coletivo Nega foi formado oficialmente em março de 2011, após breve experiência inicial no segundo semestre de 2010. E é um grupo de teatro que recebe suporte estrutural do Programa de Extensão NEGA (Negras Experimentações Grupo de Artes), do Departamento de Artes Cênicas do Centro de Artes da UDESC (LIMA 2015).

² Professor Visitante do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil), Professor do Departamento de Antropologia do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa e investigador do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (financiamento no âmbito do plano estratégico do CRIA UID/ANT/04038/2013).

a minha origem portuguesa e europeia e de pesquisador sênior me coloca num espaço social de privilégio óbvio. Foi consciente dessa condição de partida que procurei construir minha pesquisa, sempre reconhecendo o lugar de onde falo e o poder e privilégios a ele associado. Tudo isso se tornou evidente quando – decorrente de um já longo interesse pessoal e intelectual pelas questões ligadas à arte e à política no meu percurso como antropólogo e ativista político e na minha aproximação ao mundo da arte – me deparei com um coletivo de atrizes negras, jovens, brasileiras em Florianópolis: o Coletivo Nega. A minha presença entre elas, as minhas perguntas e inquietações, o espaço e as direções de pesquisa foram obviamente equacionadas e colocadas à partida na mesa para e pelas jovens atrizes. E, para ser absolutamente franco, nunca deixámos de nos percebermos justamente a partir do lugar de onde olhávamos e falávamos, ao longo de todo o trabalho de campo.

(RE)EMERGÊNCIAS NEGRAS

A disputa por um espaço de discussão, de visibilidade e de poder no que diz respeito às questões raciais tem sido um fenómeno social com relevância significativa atualmente, não apenas no Brasil, mas em diversos outros locais. O movimento social em torno do *#Black Lives Matter* nos EUA será um dos exemplos mais emblemáticos; já para não falar das polémicas mais *mainstream* partilhadas nos *mass media* a propósito de manifestações racistas acerca do desempenho de futebolistas negros na recente Copa do Mundo realizada na Rússia em 2018. Em suma, a questão racial parece revelar-se uma das questões centrais da agenda política presente, ainda que se deva enquadrá-la num debate mais amplo que tem já um lastro histórico significativo na luta contra a discriminação racial.

No Brasil, apesar do caminho traçado nos últimos anos com a aplicação ou o reforço de políticas afirmativas que visam contemplar a equidade inter-racial de acessos a recursos, bens e serviços ou a espaços de decisão e poder, continua a ser evidente um enorme abismo na garantia de direitos e deveres de cidadania por conta da cor da pele. O racismo estrutural e institucional que atravessa a sociedade brasileira não foi ainda travado e existem sinais evidentes no presente de agravamento da situação o que exige a máxima atenção dos movimentos sociais e das pessoas que se batem por uma sociedade sem discriminações deste tipo.

Mas neste artigo pretendo discutir como essas questões estão sendo protagonizadas por aquilo que alguns dizem ser o *boom* da reflexão e da produção negra no circuito de artes contemporâneas no Brasil. Diane Lima, curadora e pesquisadora de arte e produtora do instigante projeto *AfroTranscendence* afirma que

Toda pessoa negra que está hoje produzindo arte foi descobrindo-a a partir de quem veio antes. Como a gente vem de um processo histórico de ausência de referências, é como se a gente abrisse uma caixa encantada de coisas que nunca tínhamos ouvido falar antes e acho que esse diálogo geracional entre artistas está relacionado a isso.

(Diane Lima, in Reportagem *Negras Linguagens* de Christiane Gomes, Revista Continente, online³)

No último dia de Agosto de 2017, no Galpão da Associação Cultural VideoBrasil em São Paulo, uma exposição de arte contemporânea nascia a partir de uma pergunta, simultaneamente sem resposta e com múltiplas respostas: *Agora Somos Todxs Negrxs?*⁴. Com curadoria de Daniel Lima, um dos raros curadores negros no Brasil, a exposição reuniu um conjunto de produções artísticas de jovens artistas negros brasileiros com nomes já consagrados da cena artística negra no país. A exposição pretendia de algum modo criar um espaço de emergência de micropolíticas e de subjetividades que a arte parece fazer ressoar de uma forma que nem sempre as leis e as macropolíticas alcançam.

O mais valioso é o fato deste país - que teve a maior escravidão - começar a discutir num plano cultural e intelectual e, sobretudo, em trama. Não se trata de um grupo de artistas, mas de uma rede que vem sendo criada em décadas de trabalho. (...) Assim, os nossos trabalhos juntos criam uma espécie de anti-dispositivos de inferiorização, são máquinas de contra-ataque a esse mundo normatizado. O movimento de resistência está criando um mundo quando se opõe àquele que existe.

(Daniel Lima, in Entrevista ao Blog *Buala* "Perspetivas de mundo, conversa com Daniel Lima, curador de AGORA SOMOS TODXS NEGRXS?"⁵)

Em certo sentido, é como se estas formas de arte de natureza eminentemente política ao mesmo tempo que se expõe ao agressivo e violento olhar censório e em simultâneo ao militante e engajado envolvimento, abrissem definitivamente as portas para a discussão, a reflexão e a equação destes questionamentos emergentes na sociedade e que no caso concreto da questão racial envolve apagamento histórico, esvaziamento de espaço e silenciamento e a busca pelos seus simétricos através de modos de resistência perene. Estas modalidades de questionamento artístico negro que surgem no presente, ainda que inseridas numa reactualização de processos anteriores submersos pela ação hegemónica de uma história, crítica, produção e mercado de arte branco que as invisibilizou, conseguem apesar de tudo isto dar à luz espaços de dissenso, contestação e resistência bem significativos. Há hoje uma disputa tensional e um processo de conquista de um

³ Reportagem completa pode ser acedida aqui: <https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/203/negras-linguagens> (acesso 13/07/2018)

⁴ Aqui se pode aceder ao material que foi publicado pela curadoria da exposição: <http://site.videobrasil.org.br/exposicoes/galpaovb/agorasomostodxsnegrxs/pp> (acesso em 13/07/2018)

⁵ Entrevista conduzida por Marta Lança no blog português *Buala* consultado aqui: <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/perspetivas-de-mundo-conversa-com-daniel-lima-curador-de-agora-somos-todxs-negrxs> (acesso 13/07/2018)

lugar de fala (cf. Ribeiro 201?) para as pessoas negras, ou seja, o reconhecimento de que certas pessoas tenham acesso à palavra quando esta lhes foi historicamente negada.

A artista e investigadora portuguesa negra, Grada Kilomba, diz estar interessada na produção de espaços híbridos onde coincidam várias linguagens e formatos – da performance, à instalação, à escrita, às artes visuais. Mas a autora reage também ao que, hegemonicamente, se espera da arte negra uma vez mais do ponto de vista branco da arte contemporânea, ou num movimento de branqueamento da arte negra.

E pedem-nos para que nos afastemos, nós, as nossas biografias e os nossos corpos, das questões que este objeto possa levantar – e é precisamente aqui que está o cerne da produção de conhecimento colonial. Há uma marginalização violenta de certos corpos e ao mesmo tempo a fantasia de querer ser objetivo, neutral e universal. Mas o que é que acontece quando, historicamente, tu tens sido este objeto? O que é que acontece quando passas a ser sujeito de fala? Em que línguas e formatos deverás falar a tua realidade?

(Grada Kilomba, *Secrets to Tell*, 2017, 89)

O mesmo debate pode ser encontrado para o campo do cinema brasileiro (e extensível ao audiovisual em geral, em particular à televisão). O crítico de cinema negro, Heitor Augusto, no seu blog *Urso de Lata*⁶ afirmava que o ano 2017 foi o ano da explosão das questões raciais no cinema brasileiro, mas esperava que 2018 pudesse ser o de mensurar resultados. Vários foram os episódios que revelaram essa efervescência, destaco aqui a polémica receção ao filme *Vazante* de Daniela Thomas que pretendia dar conta do processo de escravatura de pessoas negras no Brasil, mas que acabou suscitando imensas reações negativas nos movimentos sociais negros por conta do modo como colocava a questão da *representação* do negro. A crítica de cinema e jornalista do jornal online *The Intercept Brasil*, Ana Maria Gonçalves, refere que no filme a “*escravidão vira mera moldura, plano de fundo, com personagens negros sem voz, sem nome*”⁷ Uma outra dimensão que o cinema brasileiro parece enfrentar prende-se com a *representatividade*, i.e., como sublinhava Heitor Augusto, da necessidade de dar conta da “(...) *presença de pessoas negras nos processos de criação, na tomada de decisões, nas escolhas do que será produzido e o que irá circular, nos papéis de avaliadores acerca dessas imagens. O que significa dizer que falar de representatividade é inevitavelmente falar de relações de trabalho.*”⁸

O que quero sublinhar aqui é que este debate e este contexto de discussão urgente das questões raciais se espalha de forma transversal pelos diversos campos artísticos. De

⁶ Blog Urso de Lata pode ser consultado aqui: <https://ursodelata.com/2018/01/29/o-que-pode-ser-o-cinema-e-o-cinema-negro-brasileiro-em-2018/> (acesso em 13/07/2018)

⁷ O artigo pode ser consultado aqui: <https://theintercept.com/2017/11/16/o-que-a-polemica-sobre-o-filme-vazante-nos-ensina-sobre-fragilidade-branca/>

⁸ Cf. <https://ursodelata.com/2018/01/29/o-que-pode-ser-o-cinema-e-o-cinema-negro-brasileiro-em-2018/> (acesso 13/07/2018)

algum modo permitam-me dizer que este é verdadeiramente um assunto *contemporâneo* e que exige também um olhar *contemporâneo* no sentido que Agamben (2009) atribui a este conceito; i.e, uma capacidade de entendermos o nosso tempo mantendo o olhar fixo não no brilho luminoso das suas luzes, mas antes no das suas sombras, procurando descobrir a sua escuridão. E tal como o filósofo italiano esclarece, contemporâneo é aquele que percebe a sombra de seu tempo como algo que lhe incumbe e que não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que qualquer luz, se refere direta e singularmente a ele. É nesse sentido que entendo a emergência deste sujeito político que se visibiliza finalmente a partir, literal e historicamente, das trevas dos tempos.

Tomemos aqui a título de exemplo algumas propostas recentes desta (re)emergente teatralidade negra e que trazem consigo justamente este enquadre aqui apresentado:

Como discutir negritude e questões raciais a partir da experiência singular de cada um dos atuantes? Daí algumas hipóteses possíveis sobre o que é ser negro e negra no Brasil hoje; sobre o que é ser um(a) artista negro(a) em tempos obscurantistas.

(“*Isto é um Negro?*” Chai-Na|S.Paulo/SP, in Programa Festival Internacional de Teatro de Rio Preto 2018)

A montagem se articula a partir da fala pública de uma mulher negra, uma espécie de conferência sobre questões que incluem racismo, a realidade do negro e da negra no Brasil, hoje. O afeto e o diálogo, a maneira como lidamos com as diferenças e como cada um se vê numa sociedade marcada pela desigualdade.

(“Preto”, Companhia Brasileira de Teatro | Curitiba /PR, in Programa Festival Internacional de Teatro de Rio Preto 2018)

O solo perpassa as violências psicológica, emocional e sexual contra a mulher para retratar como a voz feminina tem sido silenciada diante da força física, da mentalidade escravocrata e do comportamento machista dominador – mesmo com significativos avanços sociopolíticos aqui e ali. A bailarina traz referências históricas como a máscara de flandres, usada pela lendária escrava Anastácia nas sessões de tortura pelo seu senhor, e o sutiã, símbolo da luta por liberdade na década de 60.

(“Entrelinhas”, Coletivo Ponto Art | Salvador/BA, in Programa Festival Internacional de Teatro de Rio Preto 2018)

As propostas artísticas aqui reveladas podem ser vistas, como se afirma na programação do recente Festival de Teatro Internacional realizado em Rio Preto (6-14 Julho 2018), como o dar a ver de “*uma certa cartografia da insurgência (...) de obras e artistas que por todo o país estão respondendo artisticamente aos conflitos atuais*”.⁹ Esta “cartografia da insurgência” propõe-se ainda abrir (ou talvez melhor, continuar) um debate tenso,

⁹ O Programa completo pode ser consultado no site do Festival de Teatro Internacional de Rio Preto neste link: <http://fitriopreto.com.br/texto/> (acesso 13/07/2018)

complexo e difícil que se manifesta de um modo bem sensível hoje no Brasil, em torno de questões fraturantes, ainda que decisivas, sobre as contradições de um tempo em mutação, onde “fantasmas e tabus”, “sombras e contradições” movem corpos, pessoas, subjetividades e identidades que se encontram em estado de urgência e de emergência.

Importa o quê e como se faz, e importa também quem faz! Tantas obras com artistas mulheres como propositoras da cena. Artistas negros e negras evidenciando os espaços brancos de privilégio, riscando o chão e demarcando suas vozes. Experiências de corpos desviantes, que embaralham noções de identidade e perturbam redutos históricos do conservadorismo como a sexualidade e os afetos.

(Programa do Festival Internacional de Teatro de Rio Preto, texto assinado pelos curadores do evento, Janaína Leite, Marcos Bulhões e Sérgio Luis Venit Oliveira)

Um outro exemplo curioso é também o que o encenador e professor da UFMG, Rogério Lopes, construiu com os alunos de uma das suas turmas em 2017. Decorrente das políticas das ações afirmativas de integração de pessoas negras nas universidades públicas brasileiras, esta turma acolhia mais de metade de estudantes negros. Pelo que o docente sugeriu fazer uma montagem com os alunos negros que abordasse a temática racial, tendo sido escolhida a peça de Jean Genet “Os Negros” - estreada em 1959 em Paris numa encenação de Roger Blin e que curiosamente exigia, quando a escreveu, que a mesma fosse representada por atores negros¹⁰. Nesse tribunal clownesco de brancos – neste caso, representados por negros – que julgam um suposto crime cometido por um negro, será necessário desvendar as absurdas sombras para perceber as suas efetivas remissões ao real.

Resultante do mesmo contexto de impacto das ações afirmativas no meio universitário, o Coletivo Nega é também atualmente formado por jovens estudantes “cotistas” na sua maioria da UDESC¹¹. Nega é mais um exemplo de produção artística que pretende justamente trazer para cena essa reflexão sobre a condição da negritude, do racismo e da discriminação racial. Recentemente, e resultando de um processo interno que definem como orgânico e que resultou na saída dos elementos brancos do elenco

¹⁰ Esta mesma peça foi representada em Portugal em 1986 por um grupo de atores brancos do Teatro do Século embora dirigida por um encenador negro, Rogério de Carvalho, decorrente da escassez de atores negros na altura, mas 20 anos depois o mesmo encenador conseguiu levar a cena a peça com um elenco inteiramente composto por atores negros.

¹¹ As ações afirmativas na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) começaram em 2011/semestre 2 integrando um total de 5 alunos do grupo racial negro e cresceram até valores de 447 estudantes negros matriculados em 2018/semestre 1. Convém acrescentar que apesar destas políticas públicas terem sido contempladas no Plano Nacional de Educação desde 2000 resta ainda construir medidas e apoios que permitam garantir a permanência destes alunos. Os dados estatísticos das políticas “cotistas” na UDESC podem ser consultados aqui: http://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/2372/Planilha_Estatistica_Cotista_Udesc_Matriculados__Atual_mar_2018_15220660650777_2372.pdf (acesso 13/07/2018)

inicial e dos elementos masculinos (2015), as atrizes do elenco atual do Nega¹² têm vindo a explorar claramente um viés desse debate: a questão da mulher, jovem e negra.

(...) o que a gente trabalha, na nossa peça (Preta-à-Porter) (...) são as nossas histórias, os nossos manifestos, e as nossas vidas, em cena. Dirigido pela gente.
(Entrevista Thuanny Paes/Diário de Campo, Novembro 2017)

O teatrólogo, ator e intelectual negro Salloma Salomão afirmava o seguinte:

(...) vejo os movimentos negros disseminados pelo Brasil inteiro (...) e sem um centro organizativo. Um bom exemplo é o movimento Hip-hop (...) misturando hip-hop com capoeira, com práticas de dança, mas não apenas práticas, eles estão teorizando sobre o corpo negro urbano, sobre as danças urbanas, eles estão intervindo na paisagem urbana.

(Salloma Salomão in *AfroTranscendence* de Yasmin Thayna / Diane Lima)¹³

Ou talvez dito de outro modo: ganham agora uma visibilidade e uma presença que contradiz e se faz em contramão com a subalternidade e a submissão requerida sistematicamente aos negros desde o processo de escravização e de diáspora forçada dos seus antepassados africanos.

Dir-se-ia que estamos aqui perante uma espécie de tensão ou confronto entre o que poderíamos chamar por a “banalidade do mal” (para reutilizar uma expressão de Hannah Arendt¹⁴) enquanto princípio organizador do projeto colonial e das contemporâneas formas de colonialidade¹⁵ (cf. Quijano 1997) e os modos insurgentes e de resistência que as populações negras foram capazes de acionar numa reação ao que Grada Kilomba chamou por “a máscara do silenciamento”.¹⁶ E não é despiciente pensar que a figura icónica dessa

¹² O grupo é atualmente formado pelas estudantes de artes cênicas da UDESC, Rita Roldan, Thuanny Paes, Franco, Sarah Motta e Alexandra Melo (responsável pela iluminação dos espectáculos) e pela estudante de arquitetura da UFSC, Michele Mafra. Para um breve historial do grupo, sugere-se a leitura de Lima (2015), Silva (2016)

¹³ *AfroTranscendence*, Cap. 7, com Salloma Salomão, dir. Yasmin Thayna / Diane Lima.
(acesso em 13/07/2018 <https://www.youtube.com/watch?v=HnqIfjc9AN0>)

¹⁴ Conceito usado pela autora para demonstrar no caso do julgamento em Jerusalém do nazi Adolf Eichmann, cuja cobertura noticiosa para o jornal norteamericano *The New Yorker* foi por ela realizada e resultando depois na edição de um livro intitulado *Eichmann em Jerusalém - Um relato sobre a banalidade do mal* (1963). Para a autora, “banalidade do mal” é a atitude que resulta do ato de suspensão do pensar ou da negação do pensamento, permitindo assim que os sujeitos percam a capacidade intrinsecamente humana de pensar, ou seja, distinguir o bem do mal, o belo do feio.

¹⁵ Quijano (1997) cunhou o conceito de colonialidade como um processo que ultrapassa as particularidades do(s) colonialismo(s) e que não desapareceu com as independências ou as descolonizações. Essa distinção entre colonialidade e colonialismo revela a perenidade e persistência das formas coloniais de dominação, mesmo após o desaparecimento das administrações coloniais; por outro lado, permite demonstrar que essas estruturas de poder e subordinação são reproduzidas pelos (“novos”) mecanismos do capitalismo colonial-moderno.

¹⁶ No seu texto *A Máscara*, capítulo traduzido por Jessica Oliveira de Jesus para a língua portuguesa do livro de Grada Kilomba, *Plantations Memories* (2010), onde a artista e intelectual portuguesa se refere à máscara usada como instrumento de tortura pelos colonizadores para impedir as pessoas escravizadas de falar ou de comer. Nas suas palavras, “(...) a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento dos(as) chamados(as) ‘Outros(as)’: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar?” (Kilomba, 2010: 172)

resistência é justamente uma mulher negra escravizada de nome Anastácia a quem foi infligida a tortura da máscara de metal.

Curiosamente, a existência de um teatro negro e a presença do negro no teatro têm-se revelado bem mais complexas na *ocupação* de um lugar de afirmação. Como me comentava Thuanny Paes do *Coletivo Nega*¹⁷ de Florianópolis:

A arte negra, ela é muito absorvida, muito... a música e a dança, muito absorvida e apropriada (...) então não tem como as pessoas serem racistas tanto com a música e a dança, porque é gostoso...e aí no teatro já não tem, não sei, o termo teatro não é usado tanto...não é algo como vemos assim na Europa, (comparando) com em África. Ele está em outro aspeto, eu acho. Essa invisibilidade que a gente tem no teatro é cruel...porque você não tem assim um espaço... (Entrevista Thuanny Paes/ Diário de Campo, Novembro 2017)

Um dos aspetos relevantes deste movimento de negras/os em movimento de empoderamento artístico e político é o cada vez mais reiterado perfil de artista, ativista, pesquisador. Exemplo disso, Fernanda Rachel da Silva, uma das fundadoras do Coletivo Nega, no seu TCC de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola lançava algumas questões pertinentes para pensar a cidade:

Qual é a minha cor? Qual é a verdadeira cor do Coletivo NEGA? Reflexos pertinentes de séculos de escravismo me fazem concluir que a minha cor, apesar de tanta coisa vivida e deixada, ainda não é “a cor dessa cidade”.

(Silva, 2016: 15)

Claramente aqui a relevância contemporânea de um outro movimento que tem ganhado uma significativa visibilidade - o feminismo – afeta, digamos assim, de forma interseccional os pilares do empoderamento das mulheres negras. Isto é, articula com eloquência as questões de gênero, de raça e até de classe. E deste modo, as atrizes do Nega assumem sem hesitações que o coletivo de teatro é um espaço político conquistado, na universidade, na cidade e no cenário artístico.

(...) a gente já tem voz...a gente não precisa de voz...estamos no Nega, representando nas escolas, no teatro, é isso que a gente procura fazer...é suprir a falta de representatividade. Meu, se eu em criança visse isso, nossa, eu acho que iria mudar totalmente a minha maneira de eu me ver, tipo eu ia me amar mais, eu teria uma infância com muito mais autoestima.

(Entrevista Thuanny Paes/Diário de Campo, Novembro 2017)

¹⁷ Formado em março de 2011 pela Prof. Fátima Costa Lima do Departamento de Artes Cênicas do Centro de Artes da UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina), após breve experiência inicial no segundo semestre de 2010, o Coletivo NEGA é um grupo de teatro que recebe suporte estrutural do Programa de Extensão NEGA (Negras Experimentações Grupo de Artes) daquele Departamento da UDESC. Recentemente foi contemplado pelo Fondo de Mujeres del Sur com um projeto proposto por Thuanny Paes intitulado: Mulheres Negras Resistem! Para a promoção de debates e oficinas sobre a questão do racismo e da discriminação da mulher negra; e contemplado com o Edital Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura 2017 para a realização do projeto “AFROARTE SC - Viajando com arte negra nas escolas catarinenses”.

ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS

Temos vindo a sustentar que, quer pela aplicação de políticas públicas e ações afirmativas que buscam maior equidade racial, quer pela mobilização crescente e plural dos movimentos sociais negros, se assiste hoje a uma inevitável crescente reivindicação de *lugares de fala* para aqueles que têm vindo a romper com o silêncio instituído e com a subalternização que o racismo conformou (cf. Ribeiro, 2017). E essa (re)emergência tem se revelado em clara evidência no domínio da arte, talvez também por isso exista um fortíssimo movimento conservador e moralista, autoritário e repressivo que procura a contraciclo dominar e sustar estas pulsões de fala.

Este movimento de empoderamento negro não atingiu claramente uma inversão dos padrões hegemônicos que caracterizam os fenômenos de racialização da sociedade brasileira, nem resultou de uma *ocupação* sistemática, legitimada e organizada de espaços institucionais e representativos do fazer artístico, mas pulsa significativamente numa disseminada efervescência do tecido artístico que se reclama agora sem reservas, por negro ou preto.

Conceição Evaristo, a destacada escritora negra, nascida numa favela em Belo Horizonte e recentemente nomeada para membro da Academia Brasileira de Literatura, dizia numa entrevista ao site *Carta Capital*:

(...) aquela imagem da escrava Anastácia, eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que esse estilhaçamento é um símbolo nosso, porque nossa fala força a máscara.

(Apud Ribeiro, 2017:76)

Sidney Amaral afirmava na entrevista à webserie *Afrotranscendence* que “*ser artista já é difícil, ser artista negro no Brasil aí já é um pouco mais complicado*”.¹⁸ Por sua vez, Fernanda Rachel da Silva, uma das atrizes dos primeiros tempos do Coletivo Nega e a responsável principal da encenação da peça “Preto-a-Porter” dizia que “*ser atriz e negra traz uma especificidade no teatro contemporâneo, principalmente na atualidade, onde encontramos (felizmente) um grande empoderamento feminino*.” (Silva, 2016:15). Talvez um sintoma disso terá sido a recente alteração do nome da peça de *Preto-a-Porter* para *Preta-a-Porter*.

Sobre o campo da performance teatral, Eleonora Fabião afirmava que estaríamos passando de um problema ontológico - o que é teatro - para uma interrogação performativa - o que queremos que o teatro seja? Cada espetáculo, cada trabalho artístico, cada

¹⁸ Afrotranscendence, cap. 9, com Sidney Amaral, dir. Yasmin Thayna / Diane Lima. (acesso em 13/07/2018 em <https://www.youtube.com/watch?v=UBM8mIJQJVY>)

performance seriam, então, cada vez mais uma resposta para tal interrogação performativa: uma “*resposta provisória, parcial e participante: resposta-corpo*”. (Fabião, 2008:245).

Todavia, esta potência de resistência que se manifesta pelo corpo das atrizes do Nega parece ser um movimento que se expande, em formatos cada vez mais rizomáticos é certo, mas de forma ainda substancialmente inorgânico e disperso, ainda que ressoando vontades e apelos por dispositivos partilhados. Salloma Salomão explica assim esta condição paradoxal:

A mim não me parece que haja o movimento negro. Não há um bloco de pessoas organizadas no país inteiro que seguem uma cartilha de comportamento político, de ideologias e de práticas. Eu utilizo o termo movimentos negros (...) são grupos, pessoas e instituições, organizadas ou não, que procuram na sua prática, no seu discurso e na sua produção, a valorização dos descendentes de africanos, visto que eles são socialmente e politicamente desvalorizados, discriminados através de práticas racistas interpessoais e institucionais.

(Salloma Salomão in *AfroTranscendence* websérie de Yasmin Thayna / Diane Lima¹⁹)

O Coletivo nega é mais uma dessas vozes que fala Salloma Salomão e que emerge na ilha da magia contra o branqueamento, higienização e gentrificação, mas que além da luta comum com seus irmãos negros no combate contra a segregação periférica e pela visibilidade racial, ainda procura afirmar a urgência de um lugar de fala e de poder enquanto mulheres jovens negras em uma cidade onde o modelo hegemônico da masculinidade é o Playboy branco e onde o corpo da mulher negra continua a ser um campo fértil para o exotismo, para a fantasia sexual ou para a exploração laboral, em uma perpetuação da mentalidade escravocrata.

REFERÊNCIAS

FABIÃO, Eleonora (2008) “Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea”. In: *Sala Preta* (USP). n.1, v.8, p. 235-246.

KILOMBA, Grada (2017) *Secrets to tell*. Catálogo à Exposição do MAAT – Museu Arte Arquitectura e Tecnologia, Lisboa

KILOMBA, Grada (2010) “A Máscara”, In: *Cadernos de Literatura em Tradução*, USP, n. 16, p. 171-180, Trad. Jessica Oliveira de Jesus (ed. Original: KILOMBA, Grada. “The Mask” In: *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010.)

LIMA, Fátima Costa (2015) “Dramaturgia não aristotélica contra a empatia no teatro negro de Preto-à-Porter do Coletivo Nega”. In: *Anais do VIII Colóquio Internacional de Marx e Engels*, Unicamp, Brasil, Comunicação ao GT 9 – Cultura, Capitalismo e Socialismo, s/p.

¹⁹ AfroTranscendence, Cap. 7, com Salloma Salomão, dir. Yasmin Thayna / Diane Lima. (acesso em 13/07/2018 <https://www.youtube.com/watch?v=HnqIfjc9AN0>)

publicado online (acesso 13/07/2018): https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2015/trabalhos2015/F%C3%A1tima%20de%20Lima%2010415.pdf

QUIJANO, Aníbal (1997) “Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina”. In: *Anuário Mariateguiano*. Lima: Amatua, v. 9, n. 9, 1997

SILVA, Fernanda Rachel (2016) *Eu, tu, elas: refletindo sobre as percepções pós espetáculo Preto-à-Porter*, Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, UFSC

[VOLTA AO SUMÁRIO]